

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

LEMIANE OLIVEIRA JORDÃO

A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: A crianças portadoras de autismo e seus familiares.

Paracatu
2019

LEMIANE OLIVEIRA JORDÃO

A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: A crianças portadoras de autismo e seus familiares.

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de Concentração: Assistência em Enfermagem

Orientadora: Profa. Msc. Talitha Araújo Veloso Faria

Paracatu
2019

LEMIANE OLIVEIRA JORDÃO

A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: A crianças portadoras de autismo e seus familiares.

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Assistência em Enfermagem.

Orientadora: Profa. Msc. Talitha Araújo Veloso Faria

Banca Examinadora:

Paracatu – MG, 04 de Julho de 2019.

Profa. Msc. Talitha Araújo Veloso Faria
Centro Universitário Atenas

Prof. Msc. Willian Soares Damasceno
Centro Universitário Atenas

Prof. Msc. Thiago Alvares Da Costa
Centro Universitário Atenas

Dedico aos meus pais, aos meus irmãos, meu sobrinho, e as minhas melhores amigas, por todo apoio que me deram para a realização do meu sonho, por estar sempre do meu lado quando eu mais precisei e acreditou em na minha vitória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, aquele que não podemos ver mais que o sinto presente em cada minuto de minha vida, principalmente nesses 4 anos e meio de faculdade, por me proporcionar a concretização do meu sonho.

Agradeço de todo meu coração a minha família, em especial aos meus pais Simone e João que sempre oraram por mim e sempre acreditaram no meu sonho e nunca me deixar desistir, aos meus irmãos Leidiane e Leidilson por me acompanhar na minha caminhada e sempre acreditar no meu potencial, meu sobrinho Ryan Gabriel que é meu ponto de equilíbrio e minha fonte de luz, e a todos os meus padrinhos.

As minhas amigas Rafaela, Edna e Raniele, que sempre me dava palavras de conforto para que eu continuasse firme, foram elas por muitas das vezes que me distraía nos momentos onde eu pensava em desistir.

Ao meu cumpade e amigo Alex, por ter confiado em mim, e ter sido meu fiador, a Tani ex-patroa da minha mãe por sempre ter nos ajudado.

Agradeço também aos anjos em formas de amigas que a faculdade me deu, Ana Karolina, Bárbara e Rebeca, que sempre me ajudaram em tudo que precisei.

A todos os meus professores do centro universitário Atenas que foram de grande importância para meu aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

Agradeço a minha orientadora Talitha Araújo Veloso Faria, por toda calma e paciência para comigo, por sempre compartilhar conosco suas experiências, e por ser fonte de inspiração.

“Autismo: apenas uma palavra. Não uma sentença.”

(Zazzle)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
1.1 PROBLEMA.....	9
1.2 HIPÓTESE.....	9
1.3 OBJETIVOS.....	9
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	9.
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	10
1.4 JUSTIFICATIVA.....	10
1.5 METODOLOGIA.....	11
1.6 ESTRUTURAS DO TRABALHO.....	11
2 CARACTERIZAÇÃO DA DOENÇA AUTISMO.....	12
2.1 ALGUNS TIPOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	12
2.1.1 AUTISMO CLÁSSICO.....	12
2.1.2 AUTISMO CLÁSSICO: BAIXO FUNCIONAMENTO, LEVE, AUTO FUNCIONAMENTO E GRAVE.....	12
2.1.3 SÍNDROME DE ASPERGER.....	13
2.2 TRANSTORNO INVASIVO DO DESENVOLVIMENTO - -SEM OUTRA ESPECIFICAÇÃO (PDD-NOS).....	13
2.2.1 TRANSTORNO E RETT.....	14.
2.2.2 TRANSTORNO DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA	14
3 PAPEL DO ENFERMEIRO NO DIAGNOSTICO DO AUTISMO.....	15
4 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO JUNTO A FAMÍLIA DE POTADORES DE AUTISMO.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

RESUMO

O autismo é um problema psiquiátrico que costuma ser identificado na infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança. Em se tratando da relação enfermeiro e crianças autistas, este tem como principal papel ser um agente de socialização, enquanto que, junto à família, o enfermeiro tem um importante papel de educador. O papel do enfermeiro assume-se como ponte entre a família, os profissionais, o diagnóstico e os tratamentos, simultâneo com a avaliação do esforço familiar e as necessidades de apoio aos pais envolvidos num ambiente de total confiança.

Palavras-chave: Autismo, Enfermagem, Distúrbio.

ABSTRACT

Autism is a psychiatric problem that is usually identified in childhood, between 1 year and a half and 3 years, although the initial signs sometimes appear in the first months of life. The disorder affects communication and learning ability and adaptation of the child. When it comes to the relationship between nurses and autistic children, the main role is to be an agent of socialization, while with the family, nurses play an important role as educators. The role of the nurse is a bridge between the family, the professionals, the diagnosis and the treatments, together with the evaluation of the family effort and the needs of support to the parents involved in an atmosphere of total confidence.

Keywords: Autism, Nursing, Disorder.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento que, segundo a organização da saúde (OMS), em sua apresentação clássica afeta cerca de 70 milhões de pessoas no mundo inteiro (OMS, 2010). Apresenta alto risco de recorrência familiar, na ordem de 2 a 15%, com causas múltiplas e graus bastante heterogêneos. As manifestações que caracterizam seu contexto sintomático são basicamente comportamentais e qualitativas, relacionadas à dificuldade na interação social e na comunicação, além de evidenciarem-se padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados (MUSZKAT et al., 2014).

A ligação entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se de fundamental importância, uma vez que no desempenho do trabalho da enfermagem denota-se um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento as necessidades do outro e ao seu sofrimento, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário ler as entrelinhas, olhar além do que é visível aos olhos, pois saber cuidar implica em preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência de vida humana (FERREIRA DE SENA et al., 2015).

Crianças com autismo não desenvolvem relacionamento interpessoal. Elas não respondem ou não demonstram interesse nas pessoas. Enquanto lactentes, podem manifestar aversão a contato físico e afeto. Nas crianças em idade pré-escolar a ligação a um adulto significativo pode ser ausente ou se manifestar por meio de comportamentos de união exagerados, na infância, não conseguem desenvolver jogos cooperativos, jogos de imaginação e amizades. Aquelas crianças com comprometimento mínimo podem, eventualmente, progredir até o ponto de

reconhecer outras crianças como parte do seu ambiente, mesmo que de maneira passiva (TOWNSEND, 2014).

1.1 PROBLEMA

Qual a importância da assistência de Enfermagem para a criança portadora de autismo?

1.2 HIPÓTESES

Acredita-se que o autismo é uma doença que está cada vez mais presente na atualidade e é um dos fatores que leva à interpretação de que o autismo é uma incapacidade de auto realização de atividades comuns. Porém, é possível perceber que as diferenças apresentadas por essas crianças, em muitos casos, são tão melhores e tão eficazes quanto aquilo que se diz ser normal.

Assim, o enfermeiro tem um grande papel na luta junto com o portador de autismo, agindo muitas das vezes de forma interdisciplinar, acompanhando-o no decorrer do processo, seja no estado de progressão ou estagnação, e também na parte de auto inclusão na sociedade.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Identificar a importância da assistência da enfermagem no diagnóstico e acompanhamento de crianças com autismo.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) caracterizar a doença autismo;
- b) identificar o papel do enfermeiro no diagnóstico da doença;
- c) descrever a atuação do enfermeiro junto a família do portador de autismo.

1.4 JUSTIFICATIVA

Os estudos do autismo no campo psicanalítico têm predominantemente focalizado o autista em seu fechamento autístico, caracterizado por movimentos estereotipados, pela ausência ou presença rudimentar de comunicação com os outros e pela necessidade de manutenção de um mundo imutável sob controle (BIALER, 2014).

Geralmente, são profissionais da área da Enfermagem que detectam sinais e sintomas do autismo, sendo assim o enfermeiro tem grande relevância nesse processo, tendo sempre conhecimento científico capaz de auxiliar no diagnóstico precoce da doença, para que no futuro práticas e ações inadequadas não venham atrapalhar sua vida social, familiar e profissional.

Entender mais sobre a síndrome do autismo é importante para que as pessoas saibam mais sobre ela, e ajude no diagnóstico precoce para que evite o

afastamento deste indivíduo da sociedade. Além de poder ser um forte instrumento de apoio ao profissional envolvido no acompanhamento do mesmo.

1.5 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é uma revisão bibliográfica. Este tipo de estudo, segundo Gil (2010), é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O referencial teórico foi retirado de artigos científicos depositados na base de dados do *Scielo*, *Bireme* e também em livros de graduação relacionados ao tema, do acervo da biblioteca do Centro Universitário Atenas. As palavras chaves que foram utilizadas nas buscas são: Autismo, Enfermagem, Assistência.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esse trabalho é constituído por quatro capítulos, sendo que o primeiro capítulo apresenta a introdução, o problema, a hipótese, os objetivos, a justificativa e metodologia do estudo.

O segundo capítulo descreve o que é o autismo e os tipos existentes.

O terceiro capítulo descreve o papel do enfermeiro no diagnóstico do autismo.

O quarto capítulo fala-se sobre a atuação do enfermeiro junto com a família do portador de autismo.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais do trabalho.

2 CARACTERIZAÇÃO DA DOENÇA AUTISMO

O autismo é um problema psiquiátrico que costuma ser identificado na infância, entre 1 ano e meio e 3 anos, embora os sinais iniciais às vezes apareçam já nos primeiros meses de vida. O distúrbio afeta a comunicação e capacidade de aprendizado e adaptação da criança. Nestes casos, os autistas apresentam o desenvolvimento físico normal. Mas eles têm grande dificuldade para firmar relações sociais ou afetivas e dão mostras de viver em um mundo isolado (REVISTA SAÚDE, 2018).

2.1 ALGUNS TIPOS DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Compreender os tipos de autismo podem ajudar os profissionais de enfermagem a desenvolver formas de lidar com as crianças que estão dentro deste espectro, tendo por base que um diagnóstico precoce pode ajudar bruscamente na interação desta criança junto a sociedade.

2.1.1 AUTISMO CLÁSSICO

Caracterizada por problemas com a comunicação, interação social e comportamentos repetitivos, autismo clássico é tipicamente diagnosticado antes dos três anos. Sinais de alerta incluem o desenvolvimento da linguagem atrasada, falta de apontador ou gesticulando, mostrando falta de objetos, e auto estimulação comportamento como balançar ou bater as mãos (ATEAC, 2013).

2.1.2 AUTISMO CLÁSSICO: BAIXO FUNCIONAMENTO, LEVE, AUTO FUNCIONAMENTO E GRAVE

Autismo de alto funcionamento envolve sintomas como competências linguísticas em atraso ou não-funcional, comprometendo o desenvolvimento social, ou a falta da capacidade com os brinquedos e fazer outras atividades lúdicas que as crianças imaginativas neurotípicas fazem (ATEAC, 2013).

Autismo de baixo funcionamento é um caso mais grave da doença. Os sintomas do autismo são profundos e envolvem déficits graves em habilidades de comunicação, habilidades sociais pobres, e movimentos repetitivos estereotipados (ATEAC, 2013).

2.1.2 SÍNDROME DE ASPERGER

Apesar de não ser incluída como um diagnóstico separado na última revisão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), muitas pessoas têm sido marcadas com Síndrome de Asperger. Este tipo de autismo de alto funcionamento tem algumas características distintas, incluindo excepcionais habilidades verbais, problemas com o jogo simbólico, problemas com habilidades sociais, desafios que envolvam o desenvolvimento da motricidade fina e grossa, e intenso, ou mesmo obsessivos interesses especiais (ATEAC,2013).

Síndrome de Asperger se diferencia do autismo clássico em que não implica qualquer atraso de linguagem significativo ou prejuízo. No entanto, crianças e adultos com Asperger pode encontrar no uso funcional da linguagem, um desafio (ATEAC, 2013).

2.2 TRANSTORNO INVASIVO DO DESENVOLVIMENTO - SEM OUTRA ESPECIFICAÇÃO (PDD-NOS)

Transtorno Invasivo do Desenvolvimento – Sem Outra Especificação (PDD-NOS) é outro transtorno do espectro do autismo, que não mais realiza um diagnóstico oficial separado no DSM-V. Em vez disso, profissionais de saúde mental irão diagnosticar esses indivíduos com autismo de alto funcionamento ou de baixo. Também conhecido como autismo atípico, PDD-NOS envolve alguns, mas não de todas as características clássicas de autismo (ATEAC, 2013).

2.2.1 TRANSTORNO DE RETT

Uma vez considerado um transtorno do espectro do autismo, Síndrome de Rett não será incluída no espectro do autismo no DSM-V. Isto é porque Transtorno de Rett é causado por uma mutação genética. Apesar de os sintomas da desordem, que incluem a perda de habilidades sociais e de comunicação, imitar o autismo clássico, a doença passa por diversas fases diferentes (ATEAC, 2013).

2.2.2 TRANSTORNO DESINTEGRATIVO DA INFÂNCIA

Outro transtorno do espectro do autismo, que não vai levar um diagnóstico separado no DSM-V, Transtorno Desintegrativo da Infância (CDD) é caracterizado por uma perda de comunicação e habilidades sociais entre as idades de dois e quatro anos. Este transtorno tem muito em comum com o autismo regressivo, e será classificado como um transtorno do espectro do autismo em geral (ATEAC, 2013).

3 PAPEL DO ENFERMEIRO NO DIAGNÓSTICO DO AUTISMO.

Aproximadamente um em cada 88 nascimentos no mundo tenham suspeita de autismo (BRASIL, 2013). Os primeiros estudos apontavam uma prevalência de 4 a 5 casos de autismo infantil por 10.000 nascimentos. Porém, investigações mais recentes avaliam um aumento de casos, alcançando a média de 40 a 60 casos a cada 10.000 nascimentos (SILVA, 2009).

No Brasil, as pesquisas sobre o autismo, bem como dados da sua incidência são considerados escassos. Estudos estimam um quantitativo de 500 mil pessoas com autismo em âmbito nacional, no ano 2000 (BRASIL, 2013). Já a Associação Brasileira de Autismo acredita que existem 600 mil pessoas com essa síndrome no país (CAMARGO, 2009).

Para tanto, é fundamental que a equipe de saúde, isto inclui o enfermeiro, esteja apta a observar e apontar os sinais de suspeita de Transtorno do Espectro Autista, porque muitas vezes este é o primeiro profissional que a família tem acesso. O papel do enfermeiro como profissional no autismo infantil é estar atento aos sinais e sintomas apresentados pela criança com suspeita dessa patologia. Prestando assistência de enfermagem o mais precocemente possível, apoiando a família, transmitindo segurança e tranquilidade, garantindo o bem-estar da criança, esclarecendo dúvidas e incentivando o tratamento e acompanhamento da pessoa com autismo (SANTOS, 2008).

Em se tratando da relação enfermeiro e crianças autistas, este tem como principal papel ser um agente de socialização, enquanto que, junto à família, o enfermeiro tem um importante papel de educador (CARNIEL; SALDANHA; FENSTERSEIFER, 2010).

É indiscutível a valorização do enfermeiro na avaliação inicial, diagnóstico das alterações, apoio à família, tratamento e acompanhamento da criança. Também se valoriza a integração da equipe em pesquisas e estudos sobre as causas da doença e busca de mais conhecimentos para embasar uma atuação prática consensual que vise uma intervenção realmente efetiva. (PROFICIENCIA COFEN, 2012)

É papel do enfermeiro estar atento as reações da criança ao se relacionar com alguém. Também cabe a ele proporcionar conhecimento aos pais acerca do autismo, avaliar o grau de compreensão desses pais sobre a doença, bem como o enfrentamento deles diante dessa inesperada realidade que se apresenta. Vale ressaltar que uma boa orientação só poderá ser dada se o profissional tiver um embasamento para isso (BLOG ENFERMAGEM, 2013).

É fundamental que o profissional de enfermagem tenha conhecimento para avaliar os sinais e sintomas do autismo, para que haja uma intervenção satisfatória no tratamento e melhora do paciente. Sendo assim orientar a família e cuidadores dos mesmos, criando estratégias voltadas a minimizar os impactos que a doença traz ao paciente e seus familiares. Conscientizar os pais quanto as possíveis alterações em seu filho direcionando ao diagnóstico precoce. Tendo o diagnóstico precoce desta doença e um tratamento adequado com ajuda de profissionais nas mais diversas áreas propiciará uma melhor qualidade de vida e uma recuperação possível dependendo do grau da mesma (NOGUEIRA, RIO, 2011).

São de competência do enfermeiro a criação e condução de um ambiente terapêutico, visto que são os profissionais que passam maior tempo em contato com os pacientes em relação aos outros profissionais na área da saúde. Dentre os principais objetivos do ambiente terapêutico tem-se: ajudar o paciente a desenvolver

o senso de autoestima e autocuidado; estimular sua capacidade de relacionar-se com os outros, dando ênfase na construção de laços interrelacionais com toda a equipe multiprofissional; ajudá-lo a confiar nas pessoas; ajudá-lo a voltar à comunidade com mais maturidade e preparado para o trabalho e para a vida, acolhendo-o de forma integralizada, respeitando seus direitos legais como cidadão e pessoa com deficiência, entre outros (REVISTA CUIDADO É FUNDAMENTAL ONLINE, FERREIRA de Sena et al, 2015).

Portanto, o enfermeiro tem capacidade de proporcionar uma assistência adequada para as crianças com autismo, como também perceber as pessoas com necessidades especiais como parte do mundo, a qual não se deve omitir por medo dos obstáculos. Estes devem ser enfrentados com perseverança, pois, fica claro a importância do auxílio e participação dos enfermeiros no processo de prevenção, promoção e reabilitação da saúde, promovendo melhor qualidade de vida a estes pacientes e seus familiares (REVISTA CUIDADO É FUNDAMENTAL ONLINE, FERREIRA de Sena, et al, 2015).

4 ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO JUNTO COM A FAMÍLIA DE PORTADORES DE AUTISMO

O papel do enfermeiro assume-se como ponte entre a família, os profissionais, o diagnóstico e os tratamentos, simultâneo com a avaliação do esforço familiar e as necessidades de apoio aos pais envolvidos num ambiente de total confiança. O enfermeiro deve ser detentor de conhecimentos que lhe permitiam avaliar de forma correta o desenvolvimento infantil, e identificar as intervenções essenciais a realizar discutindo-as com os pais (BRAGA, ÁVILA, 2004).

Lidar com crianças autistas, certamente, não é fácil. Temos de compreender e aceitar seu grau de retraimento, de recusa ou de incapacidade para responder às propostas. Para isso, devemos conhecer mais sobre o desenvolvimento dessas crianças, para assim quem sabe, podermos compreender mais seu modo singular de viver (CONVENCION SALUD, 2018).

Sendo a família um dos principais pilares de sustentação destas crianças e fundamental o enfermeiro reunir esforços o sentido da conscientização dos pais e prestação de especial atenção aos mesmos, vistos eu os cuidados requeridos por uma criança com autismo implicam uma grande disponibilidade e ocupação de grande parte da vida dos cuidadores, pelo que terão de ser realizados sacrifícios sociais e adaptações da sua vida a evolução do estado do seu filho. Estes sacrifícios referem-se à privação de novos acontecimentos, limitações na convivência social e escassez de momentos de lazer, o que pode suscitar sentimentos que nem sempre são expressados, mas que exigem um acompanhamento com proximidade para exploração dos recursos familiares existentes ou descoberta de novas fontes de recurso (MONTEIRO et al., 2008).

A ligação entre o enfermeiro, a pessoa autista e seus familiares torna-se de fundamental importância, uma vez que no desempenho do trabalho da enfermagem denota-se um olhar cuidadoso, desprovido de preconceitos, atento às necessidades do outro e ao seu sofrimento, visto que na maioria das vezes haverá a dificuldade de expressão oral por parte do autista, cabendo ao enfermeiro a escuta e prestação de assistência diferenciada. É necessário ler as entrelinhas, olhar além do que é visível aos olhos, pois saber cuidar implica em preocupar-se, atentar-se ao outro, sendo essa, a essência da vida humana (CUIDADO É FUNDAMENTAL ONLINE, FERREIRA de Sena, et al, 2015).

Uma criança com síndrome autista pode exigir acompanhamento terapêutico, linguístico, comportamental, ocupacional, resultando num excesso de encargos financeiros para família. Neste sentido, o papel do enfermeiro passa por profissionais, associações especializadas ou até subsídios ou complementos disponíveis para a família (PINTO MARCH, 2008).

O impacto do diagnóstico de uma doença crônica, como é o caso do autismo, será a primeira dificuldade com que se confronta a família. Após terem comunicado, que o filho sofria desta perturbação à família, mais concretamente à mãe, fica em estado de "choque", dizendo: "Não é a mim que isto está a acontecer". Esta fase de negação caracteriza-se por uma defesa temporária, que mais tarde é substituída pela aceitação, ainda que parcial (PAÚL & FONSECA, 2001).

De acordo com Siegel (2008, p.165), após o diagnóstico de autismo, "para muitas famílias, a aceitação da perturbação da criança é um processo gradual, nunca concluído".

Para muitas pessoas a aceitação do diagnóstico de autismo na família é muito difícil, muitas das vezes por falta de informações, ou por mesmo achar que

aquele ente tão querido não terá uma vida comum. Cabe ao enfermeiro como agente multidisciplinar auxiliar e dar suporte necessário para que essas famílias saibam lidar com essa doença tão comum nos dias atuais.

CONCLUSÃO

Esse trabalho possibilitou aprender mais sobre o que é o transtorno do espectro autista, sobre seus tipos, seu desenvolvimento e sobre o seu diagnóstico.

As famílias quando recebem o diagnóstico do transtorno do espectro autista, visam conhecer mais sobre o assunto para poder ter informações de como lidar com essas crianças, e o que pode ou não ser feito com elas. E buscam na equipe de enfermagem um suporte de ajuda para esse conhecimento.

Portanto a enfermagem tem o principal papel de auxiliar as famílias e reabilitar os pacientes para interagirem em meio a sociedade, e agindo também no diagnóstico precoce e tratamento.

Envolver essas crianças autistas na sociedade sejam por meio de grupos assistências, terapias, escolas, ou que façam algo que estimule a convivência em grupo e o essencial pra que essas pessoas tenha uma melhora significativa, tendo o enfermeiro como base e alicerce.

Lidar com crianças autistas exige dos profissionais mais paciência respeito e um olhar cuidadoso, para observar cada sinal de melhora ou de maior retraimento deles. Deve-se ter empatia e nunca esquecer que são seres humanos providos de sentimentos e que devem ser tratados com total respeito e dignidade.

REFERÊNCIAS

CARNIEL, E. L.; SALDANHA, L. B.; FENSTERSEIFER, L. M. **A atuação do enfermeiro frente à criança autista.** *Pediatria (São Paulo)* 2010;32(4):255-60.

MELO, Camila Alves; FARIAS, Geovane Mendes; OLIVEIRA Gleiciane da Silva; SILVA Janaina Fernandes; NEGREIRO, João Emanuel de Lemos.

NOGUEIRA, Maria Assunção Almeida; MARTINS DO RIO, Susana Carolina Moreira. **A Família com Criança Autista: Apoio de Enfermagem.** *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto*, n. 5, p. 16-21, jun. 2011.

PINHEIRO, Renata da conceição da silva; **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo.** Volume 02, Número 2, Dez. 2016.

RAFAEL, Costa Renato; OUGA, Pousa Telo; JOSÉ, Gonçalves Evaldo; **autismo infantil: e a participação do enfermeiro ao tratamento.** 2018. <http://www.convencionsalud2018.sld.cu/index.php/convencionsalud/2018/paper/viewFile/293/115>.

SENA, Romeika CARLA Ferreira de; REINALDE, Elda Medeiros; SILVA, Glauber Weder dos Santos; Sobreira, Maura Vanessa Silva. **Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.** *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online* 2015. vol. 7, núm. 3, 2707-2716.

SARDINHA, Felipe Landeiro; MALHEIROS, Inês Elias; MARQUES, Sophia; GOMES DA COSTA, Fernanda; VAZ, Francisco. **O enfermeiro, as crianças autistas, e suas famílias.** Julho-setembro, 2010.